

POR QUE SOU UMA MÃE ESPORTISTA

Judy Bodmer

Hoje é um sábado do mês de maio. Eu poderia estar em casa, acomodada no sofá, assistindo a um bom filme de mistério. No entanto, estou sentada em um banco frio de metal, na arquibancada de um campo de beisebol. Um vento gelado atravessa minha jaqueta de inverno. Sopro as mãos para aquecê-las, arrependida de não ter trazido minhas luvas de lã.

- Sra. Bodmer! - É a voz do treinador de meu filho. - Pensei que a senhora gostaria de saber. Seu filho vai começar a jogar, hoje, no campo da direita. Ele esforçou-se muito este ano. Achemos que merece a oportunidade.

- Obrigada - eu digo, orgulhosa de meu filho, que deu o máximo de si a esse homem e a esse time. Sei quanto ele queria começar a jogar. Estou feliz porque seu esforço está sendo recompensado.

De repente, sinto-me nervosa por ele. Vou até a lanchonete e peço um chocolate quente. De volta ao meu lugar, seguro o copo entre as mãos, deixando que a fumaça aqueça meu rosto.

Trajando uniforme branco com listras azuis, o time entra em campo. Todos os jogadores são mais ou menos parecidos. Procuro o número da camisa de meu filho. Ele não está ali. É Eddie quem está no campo da direita. Procuro mais uma vez, sem acreditar. Sim, é Eddie, o jogador mais inexperiente do time. Como pode ser? Olho para o treinador, mas ele está concentrado no jogo. Quero correr até lá e perguntar o que houve, mas sei que meu filho não gostaria desta minha atitude. Aprendi, ao longo dos últimos oito anos, como as mães devem comportar-se. E conversar com o treinador, durante o jogo, é definitivamente inaceitável.

Meu filho está agarrado à cerca que protege o banco das bolas desviadas e grita palavras de incentivo a seus companheiros. Tento adivinhar seus pensamentos, mas sei que ele aprendeu, como a maioria dos homens, a esconder seus sentimentos.

Sinto o coração despedaçado. Tanto esforço, tanto desapontamento.

Não compreendo o que leva os garotos a passarem por situações como esta.

- É isso aí, Eddie - grita alguém por perto. É o pai de Eddie. Posso vê-lo sorrindo, orgulhoso do filho. Movimento a cabeça de um lado para o outro, porque já vi o mesmo homem sair da arquibancada quando seu filho deixou cair uma bola ou fez um arremesso errado.

Mas, por enquanto, ele parece orgulhoso. Seu filho está em campo. O meu está sentado no banco.

Quando chega o quarto turno, sinto os dedos da mão enrijecidos por causa do frio, e os pés amortecidos, mas não me importo. Meu filho está sendo chamado para jogar como rebatedor. Olho para o banco de reservas. Ele se levanta, pega alguns capacetes e escolhe um. Por favor, eu oro, permite que ele consiga dar uma rebatida indefensável.

Ele pega um bastão e se posiciona no campo. Eu me agarro ao banco de metal enquanto ele se aquece, coloca as luvas e se dirige ao quadrilátero onde o rebatedor deve ficar. O arremessador tem a aparência de um homem adulto. Eu me pergunto se alguém conferiu sua certidão de nascimento.

Primeiro ponto para o adversário.

- Faça uma boa impulsão! - eu grito.

A bola vai ser arremessada.

- Fique atento! Fique atento!

Segundo ponto para o adversário.

O arremessador prepara-se para lançar a bola. Prendo a respiração.

Terceiro ponto para o adversário.

Meu filho abaixa a cabeça e se dirige lentamente para o banco de reservas. Desvio o olhar, sabendo que não há nada que eu possa fazer.

Faz oito anos que me sento aqui. Já tomei litros e litros de um café de gosto horrível, comi minha quota de cachorros-quentes feitos às pressas e pipocas salgadas demais. Já sofri por causa do frio e do calor, engoli poeira e fiquei debaixo de chuva.

Há quem se pergunte por que uma pessoa sensata passaria por tudo isso. Não é porque desejo realizar meus sonhos de ser uma atleta famosa, por intermédio de meus filhos. Também não é porque me sinto orgulhosa deles. Ah! sim, houve momentos de orgulho. Já vi um ou outro filho meu fazer o gol da vitória no futebol, destacar-se no beisebol, e fazer cestas memoráveis no basquete. Mas, na maioria das vezes, tenho tido decepções.

Já fiquei em casa com eles, aguardando um telefonema de alguém que os convocasse para jogar no time. Telefonemas que nunca chegaram. Presenciei meus filhos sentados no banco de reservas, jogo após jogo, e, quando entraram em campo, bateram a bola para fora. Já me sentei em salas de espera de pronto-socorros quando um deles teve de engessar a perna ou tirar uma radiografia do tornozelo inchado. Tenho visto treinadores gritando com eles. Tenho me sentado aqui, ano após ano, observando tudo e fazendo perguntas a mim mesma.

O jogo está terminado. Estico as pernas e tento me mexer para aquecer meus pés congelados. O treinador vai ao encontro dos jogadores. Eles dão uma espécie de grito de guerra e se dispersam para falar com seus familiares. Observo o pai de Eddie dando um tapinha nas costas do filho, com um largo sorriso no rosto. Meu filho quer comprar um hambúrguer. Enquanto eu o aguardo, o treinador aproxima-se de mim. Não consigo olhar para ele.

- Sra. Bodmer, quero que saiba que seu filho é um ótimo garoto.

- Por quê? - eu pergunto, aguardando que ele explique por que despedaçou o coração de meu filho.

- Quando eu disse a seu filho que poderia iniciar, ele me agradeceu e recusou. Pediu-me que desse a sua vez a Eddie, porque aquilo seria muito mais significativo para o seu companheiro.

Eu me viro e vejo meu filho dando uma mordida no hambúrguer.

Compreendo, então, por que eu gosto de ficar na arquibancada. De onde mais eu poderia ver meu filho transformar-se em um homem?